



**UCSAL – UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR**

**PSICOLOGIA**

**A Logoterapia como Fator de Desenvolvimento da Autonomia em  
Pessoas com TEA: Revisão de Literatura e Proposta de Modelo de  
Intervenção Terapêutica**

**BÁRBARA VITÓRIA MORAES FERREIRA**

Salvador - BA  
2025

# **A Logoterapia como Fator de Desenvolvimento da Autonomia em Pessoas com TEA: Revisão de Literatura e Proposta de Modelo de Intervenção Terapêutica**

**BÁRBARA VITÓRIA MORAES FERREIRA**

Orientadora: Eurides Simões Soares Hide

Monografia referente ao projeto de conclusão de curso dentro do escopo da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do CURSO DE Psicologia – UCSAL para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia.

**UCSAL - Salvador  
2025**

## **Dedicatória**

A todas as famílias que caminham, dia após dia, no universo do Transtorno do Espectro Autista. A cada mãe, pai, cuidador e profissional que, com amor, paciência e esperança, buscam promover não apenas o cuidado, mas o florescer da autonomia, da dignidade e do sentido na vida de pessoas com TEA. E, principalmente, a cada indivíduo no espectro, que com seu jeito único de ser, sentir e existir, nos ensina diariamente que o sentido da vida não está em ser igual, mas em ser inteiro.

Este trabalho é para vocês. Que ele possa, de alguma forma, ser uma pequena semente de luz no caminho de cada um.

# **Agradecimentos**

Gabriel Pinto, pela presença constante, pelo incentivo nos momentos de dúvida e pela força que sempre me lembrou que eu seria capaz de concluir esta jornada. Seu apoio foi essencial para que eu pudesse seguir firme até o fim.

À minha orientadora Eurides Hide, pela sabedoria, paciência e generosidade ao compartilhar seu conhecimento. Por cada orientação cuidadosa, por cada palavra de encorajamento e por acreditar neste trabalho desde o início. Sua orientação foi um verdadeiro farol em todo o processo.

A ambos, minha profunda gratidão.

# Resumo

Este trabalho analisa como a Logoterapia pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA envolve dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. A Logoterapia, de Viktor Frankl, destaca o sentido da vida como elemento central para o bem-estar. A autonomia é fortalecida quando há motivação existencial. A família, como primeiro grupo social, é essencial nesse processo. O estudo propõe um olhar humanizado sobre o autismo. Visa ampliar as abordagens terapêuticas além do diagnóstico clínico.

**Palavras-Chave:** Autonomia. Logoterapia. Sentido. TEA. Viktor Frankl.

# SUMÁRIO

**CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO**

**CAPÍTULO 2: METODOLOGIA.**

**CAPÍTULO 3: DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO**

3.1. Transtorno do Espectro Autista (TEA).

3.1.1. Definição e critérios diagnósticos do TEA (DSM-5 e CID-11).

3.1.2. Características do TEA.

3.1.3 Dinâmica familiar e o TEA.

3.2. Logoterapia e Desenvolvimento da Autonomia

3.2.1. Fundamentos da Logoterapia

3.2.2. A Logoterapia como facilitadora do processo de tornar-se autônomo.

3.2.3 Modelo de Intervenção Logoterapêutica para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

**CAPÍTULO 4: CONCLUSÃO**

**REFERÊNCIAS**

## INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem despertado crescente interesse da comunidade científica e clínica nas últimas décadas, sendo atualmente um dos temas mais debatidos nas áreas da saúde, educação e psicologia. A complexidade que envolve sua definição, diagnóstico e manejo reflete a multiplicidade de manifestações que o compõem, o que o caracteriza como um transtorno heterogêneo e multifatorial. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (2013), o TEA é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social, bem como por padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades. A nomenclatura "espectro" refere-se justamente à ampla variação na gravidade e na apresentação clínica dos sintomas, que podem afetar o sujeito em múltiplos níveis, exigindo abordagens terapêuticas individualizadas e contextualmente sensíveis.

A origem do termo autismo remonta ao grego “autos”, que significa “si mesmo”, sugerindo uma condição marcada por um fechamento em si e por dificuldades significativas na construção de vínculos interpessoais (NIMH, 2018). Historicamente, os primeiros estudos sistematizados sobre o autismo foram realizados por Leo Kanner em 1943, que descreveu um padrão comum entre crianças que apresentavam isolamento social, resistência a mudanças, sensibilidade sensorial e grande capacidade de memorização. O estudo de Kanner trouxe à tona a importância de compreender as manifestações subjetivas e comportamentais dessas crianças, lançando as bases para as pesquisas e intervenções posteriores (MANDAL, 2019).

Dentro desse contexto, a família assume um papel central no desenvolvimento da criança com TEA, pois é o primeiro grupo social com o qual o indivíduo interage e a principal fonte de apoio emocional, afetivo e prático. Moscovici (2009) ressalta que é na vivência familiar que a criança constitui sua subjetividade, aprende os primeiros valores e compreende o mundo que a cerca. Contudo, a chegada de um diagnóstico como o TEA pode provocar impactos significativos na dinâmica familiar, despertando sentimentos ambíguos como frustração, medo, sobrecarga e até culpa. Muitas vezes, os pais são confrontados com a quebra da expectativa do “filho idealizado” e precisam ressignificar suas concepções de desenvolvimento, independência e futuro. Nesse processo, a busca por apoio psicológico torna-se fundamental, não apenas para o bem-estar da criança, mas também para a saúde emocional dos cuidadores (MEDINA, 2018).

É nesse cenário que a logoterapia, abordagem existencial desenvolvida por Viktor Frankl, emerge como uma proposta terapêutica relevante e transformadora. Fundamentada na busca de sentido como principal motivação do ser humano, a logoterapia se diferencia das abordagens centradas exclusivamente na patologia, pois reconhece no indivíduo a capacidade de encontrar significado mesmo diante das situações mais adversas. Para Frankl (2012), não é a ausência de sofrimento que torna a vida plena, mas a atitude com a qual se enfrenta o sofrimento inevitável. Quando aplicada no contexto do TEA, especialmente na perspectiva familiar e no trabalho de promoção da autonomia, a logoterapia oferece recursos valiosos para o fortalecimento emocional, a resiliência e a construção de projetos de vida pautados no sentido existencial.

A autonomia, por sua vez, constitui uma das habilidades mais desejadas para sujeitos com TEA, sendo compreendida como a capacidade de tomar decisões e agir de forma independente. No entanto, essa autonomia não se desenvolve de forma espontânea, mas sim através de um ambiente que favoreça a expressão individual, a vivência de valores significativos e o apoio emocional consistente. A logoterapia, ao enfatizar a liberdade de escolha e a responsabilidade pessoal, contribui diretamente para a promoção dessa autonomia. Através do reconhecimento de que cada ser humano é único e tem potencial para responder aos desafios da vida de maneira singular, mesmo que limitada por aspectos neurológicos ou sociais, a abordagem frankliana convida à superação de determinismos e à valorização da dignidade humana.

Diante dessa perspectiva, desenvolveu-se um modelo de intervenção logoterapêutica especificamente adaptado às particularidades do espectro autista, considerando os diferentes níveis de suporte descritos pelo DSM-5. Este modelo estrutura-se em quatro eixos principais de atuação: o sentido na ação (conectar cada atividade a um propósito claro), a escolha com valor (estimular decisões dentro das possibilidades do indivíduo), o reconhecimento existencial (reforçar o valor intrínseco do sujeito independentemente de sua produtividade) e o trabalho com símbolos e rituais (usar recursos visuais e sensoriais como instrumentos de construção de sentido).

Para indivíduos com nível 1 de suporte, o foco está no desenvolvimento do pensamento reflexivo, do planejamento de metas pessoais e do

fortalecimento da identidade existencial. São utilizados recursos como diários existenciais, projetos com propósito e discussões sobre valores. No nível 2, a intervenção utiliza histórias visuais, jogos com propósito e tarefas cotidianas que tenham significado explícito, sempre com escolhas concretas e suporte na compreensão simbólica das atividades. Para o nível 3, a intervenção se concentra na valorização da presença e na expressão não verbal de sentido, utilizando estímulos sensoriais significativos, gestos afetivos e rituais estruturantes, promovendo bem-estar e conexão relacional mesmo com dependência funcional mais elevada.

Dessa forma, este trabalho propõe-se a investigar de que maneira a logoterapia pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia em indivíduos com TEA, considerando também a importância do apoio familiar nesse processo. A escolha do tema justifica-se pela crescente necessidade de abordagens terapêuticas que transcendam os limites clínicos e promovam, de forma integral, o bem-estar e a realização existencial dessas pessoas. Ao aliar o conhecimento técnico sobre o transtorno com uma abordagem humanista e existencial, pretende-se oferecer uma reflexão crítica e sensível sobre o papel da psicologia na promoção de vidas mais significativas e autônomas.

## **METODOLOGIA.**

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, configurando-se como uma revisão de literatura que visa analisar como a logoterapia pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A abordagem qualitativa se justifica por permitir o aprofundamento de dimensões subjetivas e existenciais envolvidas na vivência do autismo e na busca por sentido, foco principal da logoterapia (FRANKL, 2011; 2012), por compreender que ela é a mais adequada para investigar, de forma aprofundada, as experiências subjetivas e singulares de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da logoterapia. Esse tipo de abordagem permite explorar sensações, percepções, sentimentos e significados atribuídos às vivências dessas crianças, aspectos que não podem ser reduzidos a números ou estatísticas. Ao invés de buscar generalizações, a pesquisa qualitativa valoriza a compreensão da trajetória individual e dos sentidos construídos ao longo do processo terapêutico, o que está diretamente alinhado com os princípios da logoterapia, que foca na busca de sentido e na dimensão existencial do ser humano. Segundo Minayo (2001) a pesquisa qualitativa tem como objetivo acessar as camadas mais profundas das interações sociais bem como dos fenômenos humanos, que não podem ser notados por apenas quantificação.

Para assegurar a validade social, as fontes selecionadas apresentam impacto direto na prática clínica, educacional e familiar, como é o caso do DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION, 2013), que fornece os critérios diagnósticos essenciais para a compreensão do TEA, e das publicações institucionais da Associação DAR Resposta (2014) e da Associação PARA (2019), que abordam o suporte prático às famílias após o diagnóstico. Também foram incluídas pesquisas que demonstram como a logoterapia pode impactar positivamente na saúde mental e emocional (FEREYDOUNI & FORSTMEIER, 2022), sustentando sua aplicação real no desenvolvimento da autonomia.

A análise da literatura priorizou estudos com potencial de gerar benefícios concretos para profissionais e cuidadores, oferecendo estratégias úteis para o desenvolvimento de habilidades, fortalecimento da autonomia e ressignificação do sofrimento.

A subjetividade foi considerada essencial nesta revisão, tanto no processo de análise quanto na escolha de autores que abordam o TEA de forma humanizada e contextualizada.

Obras como Família e Autismo (ANDRADE & TEODORO, 2012), Autismo: questões de tratamento e consequências na família (GUZMAN & HENRIQUE, 2002), Recomeçar (OLIVEIRA, 2009), entre outras, permitiram compreender os sentimentos, dilemas e adaptações vivenciadas por famílias que convivem com o autismo. Isso se alinha à proposta da logoterapia, que considera o ser humano como agente ativo na construção de sentido (FRANKL, 2012).

Site / Editora	Autor(es)	Ano	Objetivo	Conclusão	Tipo de Publicação
Artes Médicas	AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION	2013	Fornecer critérios diagnósticos e classificações para transtornos mentais.	Padronização e organização do diagnóstico psiquiátrico.	Manual Diagnóstico
pepsic.bvsalud.org	ANDRADE, A. A.; TEODORO, M. L. M.	2012	Revisar a literatura sobre a relação entre família e autismo.	A família desempenha um papel crucial no desenvolvimento e tratamento de indivíduos com autismo.	Artigo Científico (Revisão de Literatura)
Paulus	AQUINO, Thiago A. Avellar de	2014	Explorar a presença da religião e de Deus na obra de Viktor Frankl, articulando logoterapia e religião.	A dimensão espiritual é relevante na logoterapia de Frankl.	Livro
Martin Claret	ARISTÓTELES	300 a.C. (original) / 2016 (tradução)	Investigar a natureza da virtude, da felicidade e da ética humana.	A ética e a busca pela eudaimonia (felicidade) são centrais para a vida humana.	Livro (Filosofia)
arsalentejo.min-saude.pt	ASSOCIAÇÃO DAR RESPOSTA	2014	Oferecer um guia para famílias após o diagnóstico de Perturbação do Espectro do Autismo.	Fornecer suporte e informações práticas para famílias que lidam com o diagnóstico de autismo.	Guia/Manual
associacaopara.com	ASSOCIAÇÃO PARA – Projeto de Apoio e Recursos para o	2019	Apresentar a missão e os objetivos da Associação PARA.	A associação busca oferecer apoio e recursos para indivíduos com	Website Institucional

	Autismo			autismo.	
journals.sagepub.com/home/aut	BÖLTE, S. et al.	2018	Desenvolver um consenso internacional sobre os <b>Core Sets</b> da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) para o Transtorno do Espectro Autista.	O desenvolvimento dos <b>Core Sets</b> da CIF oferece uma estrutura padronizada para descrever o funcionamento de indivíduos com TEA.	Artigo Científico
Revista Científica Sena Aires	CARVALHO-FILHO, F. S. S. et al.	2018	Descrever o entendimento do espectro autista por pais/cuidadores.	Identificação das percepções e conhecimentos de pais/cuidadores sobre o TEA.	Artigo Científico
Repositório UNESP	COSTA, Larissa Carolina Lotufo da	2012	Desmistificar o autismo através de uma abordagem sobre suas "cores" (diversidade).	O autismo é um espectro amplo, com diversas manifestações e individualidades.	Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
scielo.br	DIMENSTEIN, M. et al.	2010	Analisar a estratégia da atenção psicossocial e a participação da família no cuidado em saúde mental.	A família é um componente essencial na atenção psicossocial e no cuidado em saúde mental.	Artigo Científico
link.springer.com	FEREYDOUNI, S.; FORSTMEIER, S.	2022	Investigar uma forma islâmica de logoterapia no tratamento de sintomas de depressão, ansiedade e estresse em estudantes universitários no Irã.	A logoterapia, em sua adaptação islâmica, pode ser eficaz no tratamento de sintomas psicológicos.	Artigo Científico
Paulus	FRANKL, V. E.	2011	Apresentar os fundamentos e aplicações da Logoterapia, focando na "vontade de sentido".	A busca por sentido é a principal força motivacional do ser humano.	Livro
Forense Universitária	FRANKL, V. E.	2012	Compilar textos de seis décadas de Viktor Frankl sobre	Apresentação abrangente da teoria e prática da	Livro

			Logoterapia e Análise Existencial.	Logoterapia e Análise Existencial.	
Não especificado (Maringá)	GUZMAN, Helen M. da Silva; HENRIQUE, Karen P. Gianoto	2002	Discutir questões de tratamento e as consequências do autismo na família.	O diagnóstico e o tratamento do autismo impactam significativamente a dinâmica familiar.	Publicação Acadêmica (não especificado o tipo)
Nervous Child	KANNER, L.	1943	Descrever o distúrbio autista de contato afetivo em crianças.	Apresentação das primeiras descrições clínicas do autismo infantil.	Artigo Científico (Estudo de Caso)
Evangraf	KROEFF, Paulo	2014	Explorar a importância do sentido da vida na Logoterapia e na existência humana.	O sentido da vida é fundamental para a saúde mental e o bem-estar.	Livro
scielo.br	LAMPREIA, Carolina	2007	Apresentar a perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo.	A intervenção precoce baseada em princípios desenvolvimentistas é crucial para crianças com autismo.	Artigo Científico
news-medical.net	MANDAL, A.	2019a	Discutir as possíveis causas do autismo.	O autismo é um transtorno complexo com múltiplas causas potenciais, incluindo fatores genéticos e ambientais.	Artigo/Conteúdo Online
news-medical.net	MANDAL, A.	2019b	Apresentar a história do conceito e do estudo do autismo.	Traçar a evolução do entendimento sobre o autismo ao longo do tempo.	Artigo/Conteúdo Online
br.guiainfantil.com	MEDINA, V.	2018	Abordar a dinâmica familiar de uma criança autista.	A família de uma criança autista enfrenta desafios e necessita de apoio.	Artigo/Conteúdo Online
Vozes	MINAYO, M. C.	2001	Discutir a relação entre ciência, técnica e arte na pesquisa social.	A pesquisa social requer uma abordagem que integre rigor científico, técnica e criatividade.	Capítulo de Livro
nimh.nih.gov	NIMH – National Institute of	2018	Fornecer informações gerais sobre o Transtorno	O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento	Publicação Governamental/Infor

	Mental Health		do Espectro Autista.	o com uma ampla gama de sintomas e níveis de suporte necessários.	mativa
books.scielo.org	OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra	2009	Explorar os desafios de recomeçar para famílias com filhos e suas dinâmicas.	As famílias enfrentam complexidades e desafios ao longo de suas vidas, especialmente com filhos.	Capítulo de Livro
<a href="https://www.google.com/search?q=emais.estadao.com.br">https://www.google.com/search?q=emais.estadao.com.br</a>	PAGO, A.	2019	Listar 10 sintomas do autismo para os quais os pais devem estar atentos.	Identificação precoce de sinais de autismo é importante para a intervenção.	Artigo de Notícia/Informativo
Facene/Famene	PEREIRA, Cyelle Carmem Vasconcelos	2011	Analisar a participação dos pais no tratamento e desenvolvimento de filhos autistas.	O envolvimento parental é fundamental para o sucesso do tratamento e desenvolvimento de crianças com autismo.	Artigo Científico
Não especificado (São Paulo)	SPROVIERI, Maria Helena S.; ASSUMPTÃO JR, Francisco B.	2001	Investigar a dinâmica familiar de crianças autistas.	A família de uma criança autista passa por adaptações e desafios específicos.	Publicação Acadêmica (não especificado o tipo)
scielo.br	VIEIRA, Grazielli Padilha; DIAS, Ana Cristina Garcia	2021	Compreender o campo de estudo do sentido de vida.	O sentido de vida é um construto complexo e desafiador, central para a psicologia.	Artigo Científico

A literatura foi selecionada a partir de critérios de qualidade, relevância temática e atualidade, abrangendo fontes científicas como artigos acadêmicos (ex. BÖLTE et al., 2018; DIMENSTEIN et al., 2010), materiais institucionais (ex. NIMH, 2018) e estudos fundamentais como KANNER (1943). Foram priorizadas publicações que discutem, de forma direta ou indireta, os seguintes eixos: autismo, autonomia, sentido da vida, logoterapia e dinâmica familiar. A presença de estudos como o de CARVALHO-FILHO et al. (2018), que investigam a percepção de pais sobre o TEA, garantiu o alinhamento à realidade experienciada por quem convive com o transtorno.

A obra de MINAYO (2001) serviu de referência metodológica, fundamentando o uso da abordagem qualitativa e sua ênfase nas dimensões subjetivas, simbólicas e sociais da experiência humana.

A análise interpretativa seguiu uma abordagem temática, buscando identificar convergências entre os pilares da logoterapia (FRANKL, 2011; 2012) e os elementos que favorecem o desenvolvimento da autonomia no contexto do TEA. Referências como KROEFF (2014) e VIEIRA & DIAS (2021) foram fundamentais para aprofundar o entendimento sobre o conceito de sentido da vida e sua relação com motivação, responsabilidade e liberdade — aspectos essenciais para o exercício da autonomia.

A diversidade de fontes utilizadas — incluindo estudos teóricos, empíricos e filosóficos — contribuiu para uma análise densa, crítica e fundamentada. Trabalhos como os de COSTA (2012), que refletem sobre os estigmas sociais associados ao autismo, e de CAMPOS & FERREIRA (2025), que abordam as representações sociais do TEA na escola, permitiram ir além da descrição técnica do transtorno, propondo um olhar ampliado sobre o sujeito com autismo.

Por fim, reconhecendo as limitações inerentes a uma revisão de literatura, os resultados foram discutidos com cautela, respeitando os limites dos dados disponíveis.

# **CAPÍTULO 3: DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO**

## **3.1. Transtorno do Espectro Autista (TEA).**

### **3.1.1. Definição e critérios diagnósticos do TEA (DSM-5 e CID-11).**

Duas crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem apresentar características muito distintas. Uma delas pode ser não verbal, ter dificuldades significativas na interação social e necessitar de apoio substancial em atividades do dia a dia. Já a outra pode ter linguagem fluente, desempenho acadêmico excelente, mas dificuldades sutis de socialização, como compreender ironias ou manter amizades. Ambas estão dentro do espectro autista, mas em extremos diferentes, o que mostra como os sintomas podem variar em tipo e intensidade — exatamente o que o termo “espectro” representa.

O termo “espectro” carrega intrinsecamente consigo a existência de uma grande variedade de sintomas em diferentes níveis, que podem afetar das mais diversas formas os seus portadores. O termo autismo deriva do grego “autos” onde significa o próprio, com isso, temos uma etimologia que carrega consigo um forte indicador: um transtorno que “atinge” o portador de múltiplas formas, (NIMH, 2018).

A APPDA - Norte considera que “Autismo é uma perturbação do desenvolvimento global da criança, caracterizada pela presença simultânea de uma tríade de perturbações (tríade de Wing): déficit na interação social; défice da comunicação e défice da imaginação/capacidade simbólica (comportamentos, interesses e atividades repetitivas e estereotípias” e, “O autismo é uma perturbação crônica e complexa do neurodesenvolvimento, mais concretamente, no sistema nervoso central, caracterizada por uma tríade de dificuldades: comportamento adaptativo, comunicação/linguagem e interação social” (Associação PARA, 2019).

Segundo o manual do Manual de Diagnósticos e Estatísticas das Perturbações Mentais (DSM-V) de 5ª geração, “O transtorno do espectro autista somente é diagnosticada quando

os déficits característicos de comunicação social são acompanhados por comportamentos excessivamente repetitivos, interesses restritos e insistência nas mesmas coisas” (DSM-5).

### **3.1.2. Características do TEA.**

Leo Kanner, no ano de 1943, sendo um dos pioneiros a desenvolver estudos científicos acerca da “doença” conhecida como autismo. Em seu estudo, que foi realizado com 11 crianças, ele percebeu nesses pacientes que possuíam o mesmo padrão de comportamento. Sendo as principais características observadas: dificuldade de interação social, dificuldade com o novo, como mudança de rotina de forma programada ou repentina, sensibilidade sonora elevada, restrição alimentar, baixa praticidade em desenvolver atividades do dia a dia. Apesar dos inúmeros pontos negativos, foi percebido que as crianças portadoras do “autismo infantil precoce” possuíam uma excelente memória. O referido estudo foi publicado sob a titulação “Autistic disturbances of affective contact” (MANDAL, 2019).

Algumas outras características que podem ser encontradas no TEA: Comportamento agressivo; falta de contacto visual com outras pessoas; irritabilidade; repetição de palavras (sem que haja um sentido); imitação involuntária de movimentos; hiperatividade; ansiedade; falta de empatia; dificuldade de aprendizagem; atraso na capacidade da fala; depressão; dificuldade em lidar com a mudança (de planos, de casa, de horários, de escola, etc); manifestação de emoções extremas (em ocasiões em que não deveriam acontecer); perda da fala; falta de atenção; interesse intenso em coisas específicas; andar na ponta dos pés; tiques e manias nervosas (PAGO, 2019).

Contudo o autismo pode ser identificado em diversos padrões comportamentais que podem ser individualizados e carregar diversas peculiaridades nos portadores, com isso, não se trata de algo padrão, em razão da sua peculiaridade (PAGO, 2019)..

### **3.1.3 Dinâmica familiar e o TEA.**

A família constitui a primeira comunidade de desenvolvimento humano (ANDRADE & TEODORO, 2012), onde os indivíduos estabelecem suas relações iniciais e internalizam valores e experiências que moldam seu caráter e visão de mundo (GUZMAN & HENRIQUE, 2012).

No entanto, a dinâmica familiar pode ser significativamente impactada pela chegada ou diagnóstico de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Relações familiares podem ser abaladas, com alguns pais expressando receio diante da perspectiva de criar mais de um filho com autismo, o que, em alguns casos, influencia a decisão de limitar o número de filhos (SPROVIERI & ASSUMPCÃO JR, 2001). Essa reestruturação da vida familiar pode estar associada à frustração da expectativa de um filho "ideal" e preocupações relacionadas à autonomia futura da criança (COSTA, 2012).

Nesse contexto, a ocorrência de TEA em um filho pode levar casais a optarem por não ter outros, refletindo uma quebra nas expectativas parentais (OLIVEIRA, 2015).

A adaptação familiar é crucial para atender às necessidades e particularidades de seus membros com TEA. A família atua como principal agente na introdução da criança autista a um mundo que, inicialmente, pode não reconhecer ou compreender (PEREIRA, 2011).

A vivência da fase de negação é comum nesse processo. A intervenção psicológica e multidisciplinar é fundamental para promover o desenvolvimento da autonomia na criança com autismo (CARVALHO, 2018).

O apoio profissional aos pais e filhos é essencial, considerando o papel dos pais como principal contato social da criança com TEA. Medina (2018) destaca que "Com frequência, os pais se sentem mal pela adversidade, intensidade e a contradição de sentimentos a respeito do filho autista e da situação em que vivem. Uma ajuda eficaz pode levar a reconhecer esses sentimentos como normais, que outros pais já tiveram e que não é vergonhoso ou ruim ter essas reações, nem se é uma má pessoa por tê-las."

Com isso, temos que o autista não escolhe, por vontade consciente, permanecer sozinho no mundo, ou seja, viver isolado no seu "mundo", mas faz isso em razão de não ter o sentimento de pertencimento que as pessoas que não são portadoras dessa condição conseguem ter. Assim, tem-se um importante papel da família para com essas pessoas, fazendo com que sejam vistos e vejam um mundo como um lugar o qual fazem parte em razão de se sentirem igual aos outros. Necessitam assim, de um apoio familiar para desenvolver habilidades sociais, que quando desenvolvidas desde a infância, melhor será o seu desenvolvimento. (LAMPREIA, 2007)

### **3.2. Logoterapia e Desenvolvimento da Autonomia**

A logoterapia busca o desenvolvimento da autonomia da pessoa humana através de um sentido na vida, pois, conforme o pai da logoterapia, Frankl, é considerado o núcleo para se

ter um bem-estar, motivação e necessidade humana que faça o ser humano se sentir livre. (FRANKL, 2012).

O sentido da vida já vinha sendo discutido desde a Grécia antiga, por Aristóteles, quando o mesmo em sua obra “Ética a Nicômaco” buscou o estudo sobre o sentido da vida. (ARISTÓTELES, 300 A.C), com isso, temos para que se desenvolva uma autonomia na vida, é necessário ter-se um sentido na vida, pois, o homem que vive na busca por prazeres acaba se tornando refém de suas vontades, não conseguindo desenvolver uma autonomia plena. (FRANKL, 2012).

A autonomia, definida como a capacidade de tomar decisões e realizar ações de maneira independente, e a independência, que se refere à capacidade de viver e funcionar sem necessidade de assistência constante, são habilidades fundamentais que impactam diretamente a qualidade de vida e a participação social (BÖLTE ET AL., 2019). Logo, a autonomia está diretamente ligada ao sentido da vida, onde deve-se ter uma motivação para que se alcance um objetivo. (VIEIRA, PADILHA; DIAS, GARCIAS; 2021).

### **3.2.1. Fundamentos da Logoterapia**

Desenvolvida no século XX, a logoterapia concentra-se no sentido da existência da pessoa humana e no sentido da vida para que se encontre um sentido na existência humana. Isso ocorre devido ao fato da palavra “logos”, origem grega, significa “sentido”. Assim, o pai da logoterapia trata-se de uma terapia por meio do sentido ou uma terapia centrada no sentido. (FRANKL, 2012).

Nesse sentido, em vez de a pessoa perguntar “qual é o sentido da vida?”, ela deve entender que é a vida que está fazendo essa pergunta para ela. Cada situação vivida é um desafio que exige uma resposta. E a única maneira de responder à vida é assumindo responsabilidade pelas próprias escolhas e atitudes. Para a logoterapia, essa responsabilidade é o que dá sentido à existência humana.

Assim, a logoterapia é desenvolvida por meio de três pilares: a liberdade da vontade (1), a vontade de sentido (2) e o sentido da vida (3). O primeiro pilar dessa corrente busca desenvolver sobre a liberdade humana, onde o ser humano está voltado para o seu lado instintivo, ou seja, está buscando satisfazer os seus desejos humanos. Sendo livre para

tomar suas atitudes, pois o mesmo, sendo um homem livre, é capaz de utilizar sua arbitrariedade. (FRANKL, 2012).

Assim, as atitudes serão determinadas pelos valores sociais que venham a ser desenvolvidos por meio da convivência social. (AQUINO, 2014).

Na segunda parte dos pilares, temos um desenvolvimento sobre a vontade do sentido, onde o esforço do ser humano está sendo direcionado para que seja realizado os seus propósitos. Estando assim, em uma constante busca por descobrir o seu propósito que o motiva. Podendo ser entendida como “[...] o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos” (FRANKL, 2012).

Assim, na visão da logoterapia, o prazer não se faz como o objetivo fim das ações do ser humano, sendo apenas um meio para se formalizar um propósito pessoal. Dessa forma, afirma Frankl, 2012, que o homem não deve buscar a felicidade, mas sim uma razão que te faça feliz, surgindo assim, de fato, a felicidade humana. Quanto mais o homem busca e idealiza a autorrealização, mais ficará distante da sua idealização. (FRANKL, 2012).

No terceiro pilar, temos o ponto mais conhecido da logoterapia: a busca do sentido da vida. “O sentido é relativo na medida em que se relaciona a uma pessoa específica, que está enredada numa situação específica” (FRANKL, 2012).

Dessa forma, os valores de vivência são entendidos como as experiências vivenciadas pelos homens. Assim, as vivências carregam consigo valores, onde podemos vivenciar os valores que o mundo nos oferece o mundo; no amor, amizade, de todas as formas. (KROEFF, 2014).

Assim, a logoterapia carrega consigo uma forma de mostrar que o homem é um ser livre para responder os questionamentos inerentes a “viver a vida”, seja qual for a forma que esteja sendo vivida, sempre tendo a possibilidade de ser responsável pelas suas escolhas. “[...] a capacidade intuitiva do homem para encontrar o sentido de uma situação[...]” (FRANKL, 2012)., ou seja, o homem sempre buscará um sentido na situação que está vivendo.

### **3.2.2. A Logoterapia como facilitadora do processo de tornar-se autônomo.**

Conforme tudo desenvolvido acima, tem-se que a logoterapia funciona como um facilitador de se desenvolver a autonomia no ser humano, isso decorre do fato dela buscar, a todo momento, se valer das experiências e valores que o ser humano possui para que ele possa, por meio de um sentido de vida, encontrar, uma forma de ter a autonomia da vida.

Dessa forma, quando utilizamos as nossas vivências, desenvolvemos os nossos valores, para que possamos encontrar significados que nos darão o próximo passo para percorremos e conseguirmos encontrar, novamente, um novo sentido. (KROEFF, 2014).

Assim, quando utilizada a logoterapia para desenvolver a autonomia do homem, tem-se uma ajuda na redução da depressão, ansiedade e na promoção de resiliência ao lidar com frustrações e situações que se encontram fora do controle. (FEREYDOUNI E FORSTMEIER, 2022).

### **3.2.3 Modelo de Intervenção Logoterapêutica para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

A logoterapia, desenvolvida por Viktor Frankl, é uma abordagem psicoterapêutica centrada na busca de sentido da vida, mesmo diante de sofrimento, limitações ou adversidades. Fundamentada nos pilares da liberdade de atitude, da vontade de sentido e do valor incondicional da vida humana, essa abordagem pode ser adaptada de maneira inovadora para o contexto do autismo, respeitando a singularidade de cada pessoa dentro do espectro. O presente modelo propõe a aplicação prática da logoterapia como recurso de promoção da autonomia existencial em pessoas com TEA, considerando seus diferentes níveis de suporte (1, 2 e 3), conforme proposto pelo DSM-5-TR.

Embora Frankl não tenha tratado especificamente do autismo, sua concepção antropológica é amplamente inclusiva. Ele afirma que, mesmo em estados de extrema limitação física ou cognitiva, o ser humano conserva uma dimensão espiritual (ou noética), capaz de encontrar sentido. Esse ponto é crucial para justificar a aplicação da logoterapia em contextos de neuro divergência: a dignidade humana e a liberdade interior não estão condicionadas ao funcionamento pleno da razão ou da comunicação verbal, mas ao fato de o indivíduo ser um "quem", e não um "o quê".

O modelo aqui apresentado tem como principais objetivos: (1) promover a autonomia existencial de pessoas com TEA por meio da ativação da vontade de sentido; (2) favorecer a integração entre rotina, valores e propósito pessoal; (3) reduzir o sentimento de vazio ou desajuste social por meio do reconhecimento do valor subjetivo; e (4) estimular o exercício da escolha, do engajamento e da expressão do sentido, respeitando os recursos individuais.

Para isso, propõe-se um conjunto de estratégias organizadas em quatro eixos principais: o primeiro é o eixo do "sentido na ação", em que cada atividade realizada é explicitamente conectada a um propósito (por exemplo: regar uma planta para ajudar a cuidar da natureza); o segundo é o eixo da "escolha com valor", no qual se estimula o exercício de decisões dentro do que é possível para o sujeito, sempre com a valorização do impacto dessas escolhas; o terceiro é o eixo do "reconhecimento existencial", em que se reforça o valor do indivíduo independentemente de sua produtividade ou desempenho funcional; e o quarto eixo é o do "trabalho com símbolos e rituais", que visa usar elementos visuais, histórias ou rituais simples para acessar a dimensão do sentido e criar estrutura emocional.

A metodologia pode ser aplicada em sessões individuais ou em pequenos grupos, com frequência semanal ou quinzenal, a depender das condições do público e da instituição. Cada sessão deve conter quatro momentos: acolhimento existencial (escuta com valorização do sujeito), atividade com propósito (manual, artística, sensorial ou conversacional), exploração do sentido (por meio de perguntas orientadoras ou ferramentas visuais) e encerramento com ritual simbólico (como acender uma vela, fazer um elogio ou usar um mural do sentido).

A intervenção deve ser cuidadosamente adaptada de acordo com o nível de suporte necessário:

Para indivíduos de **nível 1** (suporte leve), o foco está no desenvolvimento do pensamento reflexivo, da tomada de decisões conscientes e do fortalecimento da identidade pessoal. Nessa faixa, podem ser utilizados diários existenciais, projetos com propósito, debates sobre valores e atividades que envolvam metas pessoais. Perguntas como "O que faz sua vida valer a pena?" ou "Como você quer ser lembrado?" podem guiar a reflexão e a construção do sentido.

Para indivíduos de **nível 2** (suporte moderado), a intervenção deve ser mais estruturada, utilizando recursos visuais, histórias com propósito, jogos simbólicos e tarefas cotidianas com explicitação de valor. O terapeuta ou educador deve reforçar constantemente o motivo e a importância de cada ação: “Você está ajudando a cuidar do ambiente” ou “Essa atitude mostra carinho”. Pequenas escolhas também devem ser estimuladas, com opções concretas e previsíveis.

Já para indivíduos de **nível 3** (suporte intenso), o trabalho logoterapêutico se concentra no reconhecimento do valor da presença e na expressão simbólica não-verbal. Aqui, os sentidos, os afetos e os rituais cotidianos têm papel central. Um olhar, um gesto, um som podem ser interpretados e valorizados como formas de expressão existencial. O uso de estímulos sensoriais significativos (toques, músicas, luzes), aliado a uma postura terapêutica de profunda presença e valorização, promove uma autonomia relacional e emocional, mesmo sem autonomia funcional plena.

A avaliação dos efeitos da intervenção pode ser feita de forma qualitativa, por meio da observação de comportamentos existenciais (escolhas, engajamento, expressão afetiva), do relato de cuidadores e, quando possível, da autoavaliação com recursos adaptados. Ferramentas como quadros do sentido, cartões de valores, diários ilustrados ou narrativas simbólicas podem ajudar nesse processo.

Este modelo pode ser implementado em clínicas psicológicas, instituições de educação especial, ambientes escolares inclusivos, projetos terapêuticos ocupacionais ou espaços comunitários voltados à inclusão. A logoterapia, ao focar no sentido como motor da existência, oferece um caminho potente e humanizador para o cuidado de pessoas autistas — não apenas como sujeitos funcionais, mas como seres únicos, plenos de valor e dignos de sentido.

## **CAPÍTULO 4: CONCLUSÃO**

Diante do decorrido ao longo do trabalho, é possível verificar que a logoterapia quando utilizada para desenvolver a autonomia humana, se perfaz extremamente eficaz, pois, vai fazer que o homem questione sua vida para encontrar um sentido onde ele possa alcançar a felicidade e com isso, no percurso para se alcançar o sentido da vida, o mesmo conseguirá desenvolver a autonomia para que possa, por meio do seu livre arbítrio, começar a desenvolver a sua vida e ir ressignificando cada situação que venha a ser enfrentada, utilizando os pilares da logoterapia, para que se possa alcançar sua autonomia plena.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN  
PSYCHIATRY  
ASSOCIATION. **DSM V:  
Manual diagnóstico e  
estatístico de transtornos  
mentais.** Porto Alegre:  
Artes Médicas, 2013.

ANDRADE, A.  
A.; TEODORO, M. L. M.